

TURMA DA MÔNICA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS HUMBERTO E SUELI

Adriana Moreira de Souza Corrêa¹

Resumo: As Histórias em Quadrinhos são textos verbovisuais presentes no cotidiano das crianças e jovens, por isso, trabalhá-las no espaço escolar pode ser uma alternativa para abordar assuntos diversos. Deste modo, este artigo tem como objetivo discutir as percepções sobre a pessoa surda a partir da representação dos personagens Humberto e Sueli no que se refere a sua constituição e a sua participação em quatro histórias da Turma da Mônica, bem como os desafios para inseri-las nas aulas. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com dados bibliográficos e documentais. Os resultados mostram que há uma inconstância nas características do personagem Humberto porque ele foi construído em uma perspectiva clínico-terapêutica da surdez, que enfatiza a perda auditiva e as barreiras comunicativas que surgem em função da sua condição. Já Sueli representa a abordagem sócio-antropológica da surdez, pois se constitui em uma minoria linguística usuária da Libras. Logo, ao utilizar estes textos em sala de aula, é fundamental problematizá-los para desmitificar as ideias errôneas sobre o surdo de modo a favorecer a remoção de barreiras atitudinais e na comunicação e informação.

Palavras-chave: Inclusão; História em Quadrinhos; Surdo.

TURMA DA MÔNICA: AN ANALYSIS OF THE CHARACTERS HUMBERTO AND SUELI

Abstract: Comic strips are verbal-visual texts that are present in the daily lives of children and young people, so working with them in schools can be an alternative for tackling different subjects. In this way, this article aims to discuss perceptions of deaf people based on the representation of the characters Humberto and Sueli in terms of their constitution and their participation in four stories from Turma da Mônica, as well as the challenges of including them in lessons. To this end, a qualitative study was carried out using bibliographic and documentary data. The results show that there is inconsistency in the characteristics of the character Humberto because he was constructed from a clinical-therapeutic

1 Mestra em ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora de Língua Brasileira de Sinais (Libras) da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras - adriana.moreira@professor.ufcg.edu.br

perspective of deafness, which emphasizes hearing loss and the communicative barriers that arise as a result of his condition. Sueli, on the other hand, represents the socio-anthropological approach to deafness, as she is a linguistic minority who uses Libras. Therefore, when using these texts in the classroom, it is essential to problematize them in order to demystify misconceptions about the deaf in order to help remove attitudinal barriers and barriers to communication and information.

Keywords: Inclusion; Comic strips; Deaf.

INTRODUÇÃO

A inclusão, sobretudo no âmbito escolar, é um paradigma que implica na ação da comunidade escolar para acolher a pessoa que precisa de adaptações no processo de socialização e aprendizado nas atividades de ensino. Neste sentido, incluir é mais do que garantir o acesso, tendo em vista que interfere na participação e no desenvolvimento do estudante em todas as atividades oferecidas pela instituição de ensino.

Neste processo, vários obstáculos podem ser observados e, entre eles, há as limitações físicas (arquitetônica e no mobiliário), nos materiais didáticos, nos profissionais que oferecem suporte à prática docente (como o profissional de apoio e o Tradutor Intérprete da Língua de Sinais/Português - o TILSP), nas práticas de ensino e nas atitudes da comunidade escolar em relação ao estudante. Assim, é preciso analisar as características do discente para promover a remoção das barreiras e promover a participação da turma, dentre os quais, há o surdo.

Para o surdo, uma pessoa que tem perda auditiva e interage com o outro por meio de uma Língua de Sinais (Brasil, 2005), o reconhecimento desta singularidade e o fomento de ações que despertem o interesse pela comunicação neste sistema linguístico se configura na centralidade das ações inclusivas. Para isso, é possível a conscientização, por exemplo, através de rodas de conversa, brincadeiras, apresentações teatrais, análise de vídeos e histórias, como das Histórias em Quadrinhos (HQ), que podem ser mediadoras das reflexões sobre o surdo e a sua língua e, deste modo, construir bases para atitudes inclusivas. Por esta razão, este estudo foi motivado pela necessidade de conhecer possibilidades de inserção da HQ como mediadora nas reflexões sobre a pessoa surda e o uso da Libras.

Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir as percepções sobre a pessoa surda a partir da representação dos personagens Humberto e Sueli no que se refere a sua constituição e a sua participação em quatro histórias da Turma da Mônica, bem como os desafios para inseri-las nas aulas. Deste modo, foi empreendida uma pesquisa exploratória quanto ao objetivo. No que se refere aos dados, a investigação foi realizada em dois momentos: primeiramente, para compreender os elementos das HQs, foi realizada uma busca documental de HQs da Turma da Mônica que tivessem histórias sobre os personagens Humberto e Sueli e, em seguida, por reportagens que abordassem o tema. Para este estudo foram selecionadas quatro histórias além disso, os dados foram analisados em uma abordagem qualitativa através da Análise de Conteúdo, na perspectiva de Franco (2005).

O artigo foi organizado em seis seções que seguem esta introdução: a primeira destaca conceitos teóricos sobre a comunidade surda, Libras, barreiras e acessibilidade; a segunda elenca os elementos constituintes da HQ e a sua relação com o ensino; a metodologia, que apresenta o percurso de levantamento e análise de dados; e as discussões que estão divididas em duas seções: uma que aborda a construção e características dos personagens Humberto e Sueli e a outra que discute trechos de histórias da Turma da Mônica. Ao fim, há as considerações finais.

A INCLUSÃO, O SURDO E A LIBRAS

Por muitos anos, a percepção social da pessoa surda pautou-se na perspectiva clínico-terapêutica, que o entende como uma pessoa incompleta, com prejuízos na audição a serem curados para possibilitar a sua participação na sociedade. Sobre isso, Sá (2002) afirma que, abordado com ênfase no aspecto clínico, o surdo foi entendido a partir da perda auditiva. Essa concepção foi predominante em detrimento de se perceber a relação da visão – a experiência visual - no seu processo de construção dos conhecimentos sobre si e sobre o mundo, como uma característica inerente da constituição da pessoa surda. Ainda conforme a autora, este pensamento que se tem do surdo se constrói e se reproduz nos contextos sociais e culturais que esta pessoa participa e influencia na forma com que ela atua e se desenvolve.

A experiência visual, para Perlin e Miranda (2003), é a percepção do mundo por meio da visão de forma predominantemente, o que implica nas características dos demais artefatos. Como características deste entendimento sobre o surdo, Alpendre (2008, p. 3) descreve que: a fala oralizada é a única manifestação da linguagem reconhecida; o uso da fala oralizada é uma indicação de desenvolvimento cognitivo; ser surdo é viver a partir da perda auditiva, portanto, os surdos são entendidos como pessoas doentes que precisam ser reabilitadas; a educação de surdos deve priorizar o atendimento terapêutico. Logo, a abordagem educacional pauta-se em uma pedagogia dependente dos diagnósticos dos médicos, com um currículo escolar construído na perspectiva de reabilitar a audição e a fala, o que implica na organização da escola de surdos em uma espécie de espaço de incentivo da oralidade.

No âmbito social, Skliar (2001) explica que esta percepção do surdo os levou a serem excluídos da escola ou a realizarem atividades de cunho manual (como serviços de auxiliares de cozinha ou trabalhos técnicos) em função da desconfiança social das suas habilidades intelectuais.

Em oposição à visão clínico-terapêutica surge aquela conhecida como antropológico-cultural ou como sócio-antropológica. Alpendre (2008), ao explicar esta concepção, remete ao conceito de Antropologia que consiste em uma área do conhecimento que estuda o ser humano e a cultura, ou seja, entende que as pessoas ao mesmo tempo que são produtores de cultura, também são influenciadas por ela no seu desenvolvimento pessoal e social. Isso ocorre porque, no processo formativo, os indivíduos, como partícipes de grupos sociais organizados, desenvolvem crenças,

fazem usos da linguagem, internalizam costumes e comportamentos que são partilhados pelos seus integrantes em dado contexto histórico.

Deste modo, em uma concepção antropológico cultural os surdos se reconhecem e se organizam em função da compreensão de mundo de maneira visual. Sobre isso, Skliar (2001, p. 143 - 144) diz que:

[...] a comunidade surda² se origina em uma atitude diferente frente ao déficit, já que não leva em consideração o grau da perda auditiva de seus membros. A participação na comunidade surda se define pelo uso comum da Língua de Sinais, pelos sentimentos de identidade grupal, o auto-conhecimento e identificação como surdo, o reconhecer-se como diferentes, os casamentos endogâmicos, fatores estes que levam a redefinir a surdez como uma diferença e não como deficiência.

Em face desta concepção do surdo como uma comunidade linguística usuária de uma língua de sinais, este grupo social reivindica a educação bilíngue para surdos, que compreende um modelo no qual, no Brasil, a Libras e a língua portuguesa na modalidade escrita são línguas de instrução (Brasil, 2005). Neste sentido, a pessoa surda é reconhecida como um sujeito de possibilidades, que apresenta uma relação diferente do ouvinte ao interagir no mundo. Isso ocorre porque a visão é o sentido predominante na vivência de experiência e construção de conhecimentos.

Na atualidade, a pessoa surda é apresentada no Decreto nº 5.626/2005, no Art. 2º, como “[...] aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.” (Brasil, 2005, p. 1). Ao analisar esta descrição, é possível inferir que o entendimento de pessoa surda perpassa a noção de uma minoria linguística (sinalizante da Libras) e cultural (partícipe da cultura surda), ou seja, a definição segue os princípios da abordagem antropológico-cultural da surdez.

Ainda sobre esta definição, três pontos precisam ser destacados: a cultura surda, a experiência visual e a Libras. Strobel (2008) explica que a cultura surda é o modo do surdo entender e agir no mundo a partir das suas experiências visuais. A autora cita oito artefatos característicos desta cultura, são eles: 1) a experiência visual, 2) a língua de sinais, 3) a família, 4) a literatura surda, 5) a vida social e esportiva, 6) as artes visuais, 7) a política e 8) os materiais. No entanto, a centralidade das discussões presente neste artigo pautam-se nos dois primeiros.

A experiência visual, conforme descrita anteriormente, é a relação da compreensão do mundo pelo surdo que ocorre por meio da visualidade e tem desdobramentos na produção da língua de sinais - um sistema linguístico visual-

2 O autor utiliza-se do termo comunidade surda como equivalente ao conceito de povo surdo apresentado por Strobel (2008), utilizado para se referir aos surdos que se reconhecem como um grupo que compartilha a língua de sinais e a cultura visual. O equivalente ao que Strobel (2008) chama de comunidade surda, no escrito de Skliar (2001) é tratado como comunidade de solidariedade.

gestual - e na construção da cultura surda. No que se refere à língua de sinais, no Brasil, apesar de haver várias línguas de sinais, a Libras é aquela reconhecida legalmente. Este reconhecimento aconteceu em 2002, com a aprovação da Lei nº 10.436. Conforme a referida legislação, no Art. 1º, parágrafo único, este sistema linguístico é “[...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (Brasil, 2002, p. 1).

Deste modo, por ser usuário de uma língua diferente dos ouvintes, os surdos podem encontrar dificuldades na interação e na compreensão de hábitos e comportamentos da sua cultura. Desses pensamentos surgem os mitos sobre a Libras, dentre os quais Gesser (2009) elenca: o pensamento de que a língua de sinais é composta por gestos, que é uma forma de mímica, sem gramática própria ou que se restringe ao alfabeto manual.

A autora trata ainda de mitos sobre o surdo e, entre eles, há a ideia de que o surdo é mudo, ou seja, confundem a surdez com a incapacidade de aprender a língua oral; que todos os surdos fazem a leitura labial, como se esta habilidade fosse inerente ao surdo em detrimento do esforço necessário ao seu aprendizado; que o surdo só pode integrar-se à sociedade ouvinte se aprender a falar, ou seja, que ele precisa se adaptar à sociedade e, esta última, é isenta de se modificar para acolhê-lo. Outro mito abordado é que o surdo têm dificuldades em escrever a língua oral porque não ouve, responsabilizando-o por uma mudança que deveria ocorrer no processo educacional para atender a sua diferença na forma de construir conhecimentos (Gesser, 2009).

No entanto, esta situação se modifica gradativamente, pois, como afirmam Gonçalves, Brazil e Porto (2016, p. 6) “[...] hoje, está havendo um maior interesse pela cultura surda por parte não só de profissionais da Educação e Saúde, mas por ouvintes que estão percebendo a presença no seu círculo social de surdos, que estão cada vez mais ativos e independentes.” Deste modo, é preciso, cada vez mais, buscar mecanismos que permitam remover as barreiras para promover a acessibilidade a fim de que todas as pessoas possam compartilhar a experiências e criar outras compreensões e as diferentes formas de interagir na perspectiva da diversidade humana.

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência (EPD) nº 13.145, as barreiras são fatores que impedem a participação social, a acessibilidade, a comunicação, o acesso à informação, à compreensão, bem como o trânsito e circulação nos espaços e atividades diversas (Brasil, 2015).

Retomando a LBI, a legislação cita seis tipos de barreiras, entre as quais duas serão destacadas neste escrito, são elas: as barreiras nas comunicações e na informação e as barreiras atitudinais. Estas barreiras são descritas na legislação supracitada, no Art. 3º, Inciso IV, como:

d) **barreiras nas comunicações e na informação**: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação;

e) **barreiras atitudinais**: atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas; (Brasil, 2015, p. 2).

Uma das formas de minimizar as barreiras atitudinais e de comunicação é o trabalho do educador como agente de reflexão sobre os comportamentos excludentes que foram/são internalizados nas práticas sociais. Entre estes comportamentos, é possível citar o entendimento de que a Libras é inferior às línguas orais, o que gera a responsabilização do surdo em aprender a língua oral e a ideia de que o surdo tem incapacidades em função da perda auditiva, o que implica na sua exclusão em atividades que exijam reflexão e exposição de saberes (Gesser, 2009). Assim, para superar esses pensamentos equivocados sobre a pessoa surda e a sua língua podem ser realizadas atividades como o trabalho com as HQs.

Sobre o uso destes textos como recurso didático, Gonçalves, Brazil e Porto (2016, p. 15) consideram que:

[...]o gênero Histórias em Quadrinhos, em especial a da Turma da Mônica um excelente objeto pedagogicamente relevante para a formação leitora e social da criança, na medida em que promove a aceitação do “especial” na literatura infantil, fazendo com que o leitor seja capaz de interagir e reduzir as ideologias frutos do universalismo, para uma melhor convivência.

O universalismo, é descrito pelas autoras como a representação social, os papéis e os lugares destinados às pessoas que apresentam determinadas características. É um processo de generalização que busca padronizar comportamentos e processos e, conseqüentemente, segregar a pessoa que difere deste padrão estabelecido. Logo, é possível inferir que este conceito se alinha à concepção clínico-terapêutica da surdez.

Na atualidade, a legislação brasileira aponta para a inserção de práticas inclusivas que visam superar o universalismo e a segregação na educação ao orientar a oferta de recursos, profissionais e serviços da educação especial para promover condições equânimes de participação e aprendizado. Entre estas, é possível citar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996, no Inciso I, ao determinar que “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;” (Brasil, 1996, p. 1). Esta diretriz, que retoma o texto da Constituição Federal (Brasil, 1988), baliza as ações que visam eliminar barreiras e promover a acessibilidade de pessoas com condições singulares que requerem adaptações específicas para participar das práticas sociais.

Desta maneira, pensar a inclusão na escola implica em promover atividades que permitam a participação de todos, em uma perspectiva de respeito à diversidade das formas de ser, se comunicar e aprender, à medida que se oferecem serviços, processos e modificações que eliminem as barreiras socialização e à construção do conhecimento.

METODOLOGIA

Com o objetivo de discutir as percepções sobre a pessoa surda a partir da representação dos personagens Humberto e Sueli da Turma da Mônica, foi empreendida uma pesquisa que teve duas fontes de dados: bibliográfica e documental.

Para a composição dos estudos discutidos neste escrito foi realizada uma busca na base de dados Google Acadêmico, no dia 20 de julho de 2024. Na primeira tentativa foram utilizados os descritores “Humberto”, “surdo” e “Turma da Mônica” unidos pelo operador booleano “and”, o que resultou na resposta de 52 resultados e na segunda busca, somente “surdo” and “Turma da Mônica”, o que gerou 393 resultados. Ao analisar os resumos, foi observado que além de repetição de publicações e de textos de autoria da pesquisadora, havia uma menção ao personagem surdo Humberto apenas de maneira secundária. Assim, devido a limitação do número de textos foi necessário modificar a abordagem de coleta para selecionar as discussões que abordassem este personagem ou a mais recente integrante da turma, a personagem Sueli.

Em função disso, foi empreendida a pesquisa bibliográfica em uma abordagem narrativa, descrita por Cordeiro *et al.* (2007, p. 429 - 430) como aquela que:

[...] não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a vies de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva.

Deste modo, após a leitura, quatro textos que se debruçavam sobre personagens surdos foram selecionados, sendo eles as pesquisas de Gonçalves, Brazil e Porto (2016), Magalhães e Campos (2017), Amorim, Araújo e Souza (2017), Andolfato (2022) e Belém (2023). Assim, foi realizada a partir da bibliografia presente nestes textos, outras fontes que dialogassem com o objeto de estudo. No segundo momento, foi preciso selecionar as HQs que seriam analisadas e, para isso, foram priorizadas aquelas citadas nas pesquisas anteriormente selecionadas.

Deste modo, a pesquisa é exploratória, tendo em vista que, de acordo com a classificação proposta por Prodanov e Freitas (2013) visa ampliar as informações que o pesquisador tem sobre o assunto. Esses dados foram analisados em uma abordagem qualitativa através da Análise de Conteúdo, descrita por Franco (2005).

Seguindo as orientações da autora, foram elencadas duas categorias *a posteriori*: a primeira voltada para compreender a composição dos personagens e a segunda para análise dos personagens nas quatro histórias selecionadas para compor a discussão.

REPRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS HUMBERTO E SUELI

De acordo com Andolfato (2022), Belém (2023) e o *site* da Turma da Mônica citado por Gonçalves, Brazil e Porto (2016), Humberto foi criado em 1960 para

representar um menino mudo. Seu nome, conforme Andolfato (2022) surgiu da junção do murmúrio característico da interação oral representada pelo balão de fala associado a este personagem, o “hum”, e “berto”, que justapostos formam “Humberto”. Diante disso, é possível afirmar que esta associação da fala com o nome é característica de uma visão clínico-terapêutica da surdez, à medida que remete à limitação na articulação da fala oralizada para nomear o personagem.

Gonçalves, Brazil e Porto (2016), ao analisarem a antiga página oficial da Turma da Mônica <<http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/humberto/>> (atualmente inativa), identificaram que uma das curiosidades apresentadas é que “[...] O Humberto foi criado em 1960, pelo Maurício, pensando em milhares de crianças mudas que existem e que, mesmo sem poder falar, são ativas, normais e saudáveis... que vivem e brincam como qualquer criança.” (Gonçalves; Brazil; Porto, 2016, p. 7). Esta percepção social presente à época, pode remeter ao mito abordado por Gesser (2009) de que o surdo é percebido como mudo, pois a predominância da percepção do outro está pautada na possibilidade de articular a fala oralizada. Desta maneira, é notória a influência da abordagem clínico-terapêutica da surdez na descrição do personagem.

Segundo Amorim, Araújo e Souza (2017), é na década de 1980 que Humberto recebe destaque nas historinhas e sua participação, geralmente associa-se às situações nas quais há incompreensões na interação com os amiguinhos. Ele os entende, mas não é compreendido por eles, contudo, a forma com que ele capta as falas oralizadas dos demais personagens – a exemplo da leitura labial ou da audição – é omitida nas narrativas. Em função disso, as autoras ressaltam ainda que:

Humberto parece um personagem que não surgiu para representar a cultura surda, e sim para criar histórias cômicas sobre alguém que não fala. Ao tornar-se efetivamente um personagem surdo, ele continua sendo escrito de um ponto de vista ouvinte pra um público ouvinte” (Amorim; Araújo; Souza, 2017, p. 10)

De acordo com a afirmação das autoras, o personagem foi criado para que o humor associado à sua participação nas narrativas fosse gerado a partir da dificuldade de comunicação, ou seja, a barreira na comunicação, entre ele e os demais personagens. Assim, a representação de Humberto foi associada ao caricato, em lugar de serem problematizadas e difundidas informações e saberes que pudessem superá-las e incluí-lo nas interações. Deste modo, é possível inferir que esta representação, ao ser trabalhada na escola, pode gerar barreiras na interação entre surdos e ouvintes que, ao se identificarem com os personagens principais - tais como a Mônica, o Cebolinha, a Magali e o Cascão – tenderão a reproduzir os comportamentos vistos nas histórias com os colegas que apresentam características semelhantes ao Humberto.

Diante do exposto, é possível notar que o autor teve como intenção visibilizar pessoas que interagem de maneira diferente e, para isso, pautou-se na visão social consolidada sobre as pessoas que motivaram a criação deste personagem em dado momento histórico, ou seja, da década de 1960.

Para Belém (2023, p. 21):

[...] a representação social do personagem Humberto se origina no fluxo das experiências de mundos exterior e interior de seu autor não-surdo (Maurício de Souza), e dessas experiências possivelmente retirou o modelo de um menino “mudo”, segundo a ideia ou representação da criança com dificuldades de se comunicar verbalmente, pré-existente no imaginário social coletivo;

Em acréscimo, Belém (2023) acosta-se nas ideias de Senna (2009) para explicar que apesar de Humberto ser capaz de entender a língua oral - o que poderia gerar uma impressão, no imaginário social, de pessoa surda - na verdade, trata-se de um quadro de mudez. Todavia, esta imagem do personagem poderia ser derivada do fato que as pessoas ao interagirem com o surdo têm dificuldades em identificar a surdez. Por isso, o estigma social que marca estes indivíduos é a dificuldade na expressão oral e este, por sua vez, se materializa na fala com a rotulação enquanto uma pessoa “muda”. Nesta reflexão, é possível identificar que, novamente, apresentam-se mitos sobre a pessoa surda que são associadas à percepção clínico-terapêutica da surdez discutida por Skliar (2011).

Gonçalves, Brazil e Porto (2016), Magalhães e Campos (2017) e Belém (2023) abordam o Humberto, nos seus respectivos trabalhos, como uma pessoa surda. Para as primeiras autoras ele “[...] se constitui enquanto um menino surdo que, no decorrer do tempo, começa a se comunicar através da Língua Brasileira de Sinais (Libras).” (Gonçalves; Brazil; Porto 2016, p. 2). Em consonância com as autoras, Magalhães e Campos (2017, p. 231), para fundamentarem a sua argumentação, utilizam o *site* chamado “O Mundo do Silêncio” o qual analisa a situação do personagem da seguinte forma:

O site oficial de Maurício de Sousa informa que Humberto, amiguinho da criançada da Turma da Mônica, não fala. Só murmura “hum-hum”... uns acham que ele é mudo. Outros, que economiza a voz. Mas enquanto isso, vai aprontando alguma confusão. Jamais conseguiu ganhar duas coisas quando perguntado. Só fica com uma. Não fica claro, pela historinha, qual é a situação real do Humberto. A historinha mostra que outros personagens se comunicam com ele pelo oralismo, sem mostrar que ele lê lábios: parece que ele ouve e não fala.

O oralismo, citado pelo *site*, refere-se à uma abordagem educacional alinhada à percepção clínico-terapêutica, ao entender a surdez como uma falta a ser corrigida. Logo, as práticas educacionais nesta perspectiva buscam a negação da Língua de Sinais reabilitação da fala para a inserção do surdo na comunidade ouvinte (Gesser, 2009).

Em função destas diferentes visões sobre Humberto, Andolfato (2022) realizou uma pesquisa bibliográfica para identificar as representações deste personagem. Em sua análise, constatou que as percepções sobre ele podem ser divididas em três fases, sendo o marco para esta divisão a publicação da história “Aprendendo a falar com as mãos”, em 2006. Para a autora, a primeira fase ocorre com a criação do personagem em 1960 e perdura até 2006; a segunda fase é caracterizada, pontualmente, pela

referida publicação; e a terceira fase, compreende as publicações pós 2006. Neste sentido:

Nas histórias lidas e assistidas até 2006, observamos que Humberto não apresenta problemas de compreensão, aparentemente escuta e se envolve com os outros personagens sem grandes complicações. Não há indícios de ele fazer leitura labial, revelando que ele ouve, mas não fala. (Andolfato, 2022, p. 22).

Conforme destaca a autora, devido às incompreensões sobre a pessoa surda, a representação do personagem relacionava-se à dificuldade de comunicação que é a característica visível que se tinha da pessoa surda na época.

Na segunda fase, ainda de acordo com Andolfato (2022), em 2006 o personagem passa a aparecer com mais frequência nas histórias. A história “Aprendendo a se comunicar com as mãos” é o grande marco deste período e mostra Humberto como usuário da Libras. Para conversar com ele, os demais personagens aprendem esta língua de sinais, com isso, as incompreensões geradas nas interações deixam de ser o foco da história que busca incentivar o aprendizado da Libras pelos demais personagens. Todavia, a autora adverte que apesar da publicação ter contribuído para a divulgação da Libras após a aprovação da Lei nº 10.436/2002, a narrativa pouco explora a cultura surda (Brasil, 2002).

Na terceira fase, iniciada após a publicação da história anteriormente citada, “Humberto passa novamente a ser referenciado na identidade de deficiência sem relacionar com a língua de sinais.” (Andolfato, 2022, p. 25). Deste modo, há uma inconstância na representação de Humberto nos quadrinhos o que pode gerar dúvidas no leitor recorrente sobre esta identidade e, por isso, foi preciso criar outra personagem para associá-la à cultura surda: a Sueli.

Sueli, conforme o Jornal da Pontifícia Unidade Católica (PUC-SP), foi lançada em 1º de maio de 2022, durante a 24ª Surdolimpíada de Verão. A escolha da data ocorreu porque o evento esportivo que conta com a participação de atletas surdos de 77 nacionalidades, no referido ano, ele aconteceu, pela primeira vez, no Brasil. (Andrade, 2022).

A nova personagem foi criada com a intenção de ser uma criança surda, de nove anos, que gosta de praticar esportes. O processo de criação contou com a parceria do estúdio Maurício de Sousa Produções e a Divisão de Educação e Reabilitação do Distúrbios da Comunicação (Derdic), que é mantida pela Fundação São Paulo e vinculada à PUC-SP. A idealização da proposta iniciou em 2018 e, para isso, foi composta uma equipe de educadores que envolviam os seguintes profissionais relacionados à Derdic: superintendente, diretora, orientadora educacional, professora de português e a TILSP. (Andrade, 2022).

Consoante a reportagem, Maurício de Sousa revela que a Libras já foi abordada em outras histórias da Turma da Mônica, mas há algum tempo ele pensava que esta turminha precisava ter uma personagem surda. (Andrade, 2022). A afirmação do autor demonstra uma percepção diferenciada sobre a pessoa surda do que a disseminada com as publicações das histórias que envolviam Humberto.

Assim, mesmo com a publicação da história “Aprendendo a falar com as mãos” que identifica o personagem como usuário da Libras, foi necessário ressignificar as características e compor outra personagem que personificasse as formas de ser e interagir do surdo. Deste modo, Sueli foi criada como uma criança ativa, com preferências por esportes e que se comunica por meio da Libras. Diante do exposto, esta personagem demonstra a interação do idealizador com a comunidade surda o que revela uma concepção diferenciada sobre o ser surdo alinhada à abordagem antropológico-cultural da surdez.

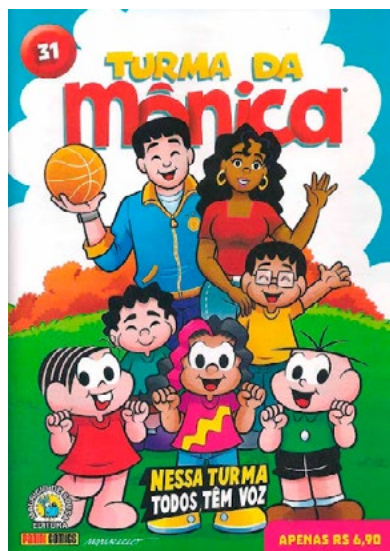
Esta percepção do surdo representado na personagem é analisada por (Belém, 2023, p. 51) ao dizer que:

A responsabilidade com que Maurício de Sousa se move na criação da Sueli, buscando reproduzi-la não como um produto do senso comum, mas como um produto de pesquisas sérias e comprometidas com a surdez e as pessoas usuárias de língua de sinais, está registrada na maneira cuidadosa em que articula sobre o assunto em entrevista dada na Rádio Gaúcha, evidenciando que “a chave do discurso virou” e que o repertório das experiências sobre o modelo representativo dos indivíduos surdos está sob revisão e mudanças positivas.

O texto da reportagem traz ainda a fala dos colaboradores que concordam que esta iniciativa dará visibilidade à pessoa surda, à cultura surda, à medida que ensina a Libras, sobre a Libras e conscientiza o leitor sobre ações que promovem o respeito, a empatia e, conseqüentemente, a inclusão. (Andrade, 2022). Deste modo, é possível entender que além da identificação da criança surda leitora da HQ com a personagem Sueli, os leitores ouvintes desta história podem construir outra percepção sobre a pessoa surda e a Libras, de maneira a minimizar as barreiras atitudinais e na comunicação com o surdo.

A primeira aparição da personagem aconteceu no gibi intitulado “Turma da Mônica: nessa turma, todos têm voz”, publicado em 2023. A história apresenta a formação da família de Sueli (Figura 1) que é composta por mãe brasileira e preta, engenheira de *softwares*; pai descendente de sul coreanos e professor de educação física; o irmão mais velho, o Lipe, que usa óculos e apresenta fenótipo próximo às características do pai, com cabelos lisos e olhos semelhantes aos povos orientais; e o irmão caçula, Iago, que traz traços físicos parecidos com o pai. Sueli, por sua vez, assemelha-se à mãe na aparência, com cabelos cacheados, mas no que se refere à pele, os *designers* dos personagens unificaram a tonalidade da pele entre os irmãos mais velhos, sendo essa uma variação que mescla os tons do pai e a mãe.

Figura 1 – Capa do Gibi: Nessa turma todos têm voz



Fonte: Sousa (2023).

Na capa do Gibi, além da família, há os personagens Mônica e Cebolinha. Diferentemente de Humberto que não foram encontrados registros da sua composição familiar, Sueli nasce com identidade, preferências, cultura e família. No que se trata desta última, a representação de uma família multirracial e multicultural contribui para a composição de uma personagem associada à diversidade de formas de ser e interagir que podem ser encontradas nas famílias brasileiras. Além disso, traz destaque ao papel da mulher negra que é ativa no mercado de trabalho e que se destaca em uma profissão de prestígio social.

Em suma, estes personagens foram criados em tempos diferentes e refletem percepções distintas da visão de mundo construída socialmente. Assim, em uma perspectiva de categorização, Humberto, apesar de ter em 2006 uma proximidade com a visão antropológico-cultural da surdez, apresenta mais representações concernentes à visão clínico-terapêutica, ao passo que Sueli, representaria outra categoria, à medida que foi construída com o suporte da comunidade surda e ao refletir características do povo surdo, alinha-se à visão antropológico-cultural da surdez. Na sequência são apresentadas algumas análises que contribuem para a análise da percepção destes personagens em quatro histórias da Turma da Mônica.

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO SOBRE O SURDO

Após conhecer o processo de composição Humberto e Sueli da Turma da Mônica, serão analisados recortes de quatro histórias que envolvem estes personagens. Para isso, foram selecionadas as seguintes histórias: Com bigodão, não dá não (Sousa, 2005), A turma da Mônica: Acessibilidade (Sousa, 2006); Saiba

Mais! Com a Turma da Mônica - Inclusão social (Sousa, 2011); Turma da Mônica: nessa turma todos têm voz (Sousa, 2023).

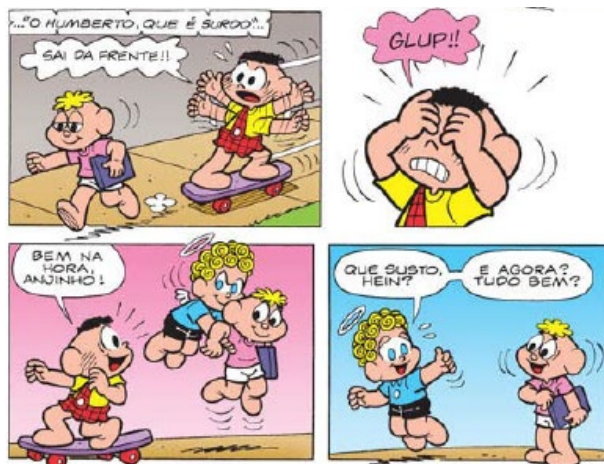
A história “Com bigodão, não dá não”, pela data de publicação (ocorrida em 2005), corresponde à primeira fase categorizada por Andolfato (2022). Nela é abordada a dificuldade de comunicação de Humberto com um confeitiro adulto que pede a ele que o ajude a segurar uma torta a fim de que possa amarrar os cadarços. O garoto não o entende e é visto pelo adulto como uma criança desobediente e, por isso, tem uma atitude irritadiça com ele. Mônica, ao testemunhar a situação, sai em apoio ao coleguinha e explica que a incompreensão do que está sendo pedido pelo confeitiro ocorre devido a Humberto precisar ler os lábios para entender a informação (Sousa, 2005). De acordo com Belém (2023), esse enredo contribui para que Humberto seja percebido como um surdo que faz leitura labial, mas entende que essa percepção do personagem é inconstante nas demais narrativas que o envolvem.

Na referida história, a personagem Mônica indica que a barreira na comunicação entre Humberto e o confeitiro seria superada caso ele aparasse o bigode e entendesse que Humberto precisa ler os lábios para se comunicar com os ouvintes. Contudo, é relevante destacar que a leitura labial, como indica Gesser (2009), é realizada por um grupo restrito de surdos, já corresponde à uma habilidade aprendida. A história, mesmo sem citar a língua de sinais, contribui para que os leitores entendam que é possível realizar modificações para incluir o colega que interage utilizando a técnica da leitura labial. Todavia, ao considerar que a experiência visual, a língua de sinais e a cultura surda são as principais características dos surdos, esta informação precisa ser acompanhada de uma atividade reflexiva por parte do professor para evidenciar estes aspectos.

Neste sentido, é necessário desenvolver um trabalho com a história no qual o mediador discuta as diferentes formas de se comunicar que as pessoas surdas utilizam no cotidiano e a relevância do uso da língua de sinais nas interações. Na ocasião, é preciso destacar que há surdos que se comunicam em língua de sinais, outros com a leitura labial e há ainda aqueles que utilizam as duas formas a depender do conhecimento do interlocutor. Esses conhecimentos podem minimizar os mitos sobre o surdo, bem como as barreiras na comunicação e as barreiras atitudinais em relação ao surdo.

Em 2006 foi publicado o Gibi “A turma da Mônica: Acessibilidade”, que busca apresentar características de pessoas que necessitam de recursos e atitudes diferenciadas para participarem das interações sociais e, nela, o personagem Humberto aparece a situação presente nas Figuras 2 e 3.

Figura 2 – Acessibilidade: recorte 1



Fonte: Sousa (2006, p. 12).

Figura 3 – Acessibilidade: recorte 2



Fonte: Sousa (2006, p. 19).

Na Figura 2, é possível notar que na descrição presente na contextualização do quadro indica que ele é surdo. Na narrativa, a preocupação do colega Cascão, que anda desenfreadamente no skate, é que Humberto não ouvirá o seu aviso ou sons que possam alertá-lo e isso pode propiciar o envolvimento em acidentes. Para resolver a situação, o personagem Anjinho resgata o colega, o que indica a necessidade do cuidado do outro – um ouvinte - para resolver a situação. Apesar de apresentar a empatia do personagem Anjinho, a escolha pela representação da pessoa surda na história reforça um mito elencado por Gesser (2009) que se refere à percepção do surdo como incapaz de lidar com situações do cotidiano. Assim,

em caso de apresentação desta história, seria relevante que o professor trabalhasse alternativas pautadas na experiência visual do surdo para se desvencilhar, com autonomia, desta situação.

A Figura 3 remete à presença de Humberto em um Jogo dos sete erros, uma atividade proposta após o fim da narrativa. Nesta cena, ele se comunica com outro personagem através de sinais aproximando-se da conceituação de pessoa surda. Com isso, é possível observar que a representação do personagem o coloca em posição de igualdade de oportunidades em relação aos demais personagens. Nesta situação, os ouvintes interagem entre si na língua oral e, ao se comunicar com Humberto, o personagem Titi demonstra, a partir da expressão facial, a compreensão da informação expressa em sinais. Nesta história, o aprendizado da Libras é desconsiderado, tendo em vista que o sinal representado no jogo é desassociado da sua tradução para a Língua Portuguesa. Assim, a narrativa pode contribuir para discutir a construção de conhecimentos que promovam a superação de barreiras atitudinais que favoreçam a inclusão do surdo.

Esta história traz duas percepções do surdo: a primeira, dentro da história, associada à falta da audição, característica da abordagem clínico-terapêutica da surdez e a segunda, no jogo dos sete erros, concernente à percepção antropológico-cultural, que valoriza a experiência visual e o uso da língua de sinais. Por isso, ao disponibilizar ou trabalhar este Gibi com as crianças, é fundamental promover uma atividade reflexiva sobre as informações trazidas sobre a pessoa surda e como elas podem contribuir para a formação humana e as ações dos estudantes na sociedade.

Amorim, Araújo e Souza (2017) explicam que a representação de Humberto como uma criança surda ocorre também em outra história intitulada “Saiba Mais! Com a Turma da Mônica - Inclusão social”, uma publicação datada de 2011 na qual as autoras analisam que o termo utilizado para se referir à Humberto foi deficiente auditivo e de fala. Na publicação, é indicado que ele não escuta (logo é surdo) e reforça a importância da audição para o desenvolvimento da pessoa. Na sequência, a HQ apresenta dados como: 1) a criança escuta desde o ventre materno; 2) este sentido se aprimora no decorrer das experiências do indivíduo ao longo da vida; 3) a língua oral é importante para que as pessoas possam ser alertadas quando estiverem em perigo iminente (como o exemplo dado na HQ que é possível avisar o colega que há um buraco à frente); 4) e que a língua oral pode ser usada para a interação amorosa, como se declarar para alguém. (Souza, 2011).

Na história, é indicado que isso ocorre de maneira diferente com os surdos e, a efeito ilustrativo, são retomadas algumas situações – comparando surdos e ouvintes - nas quais a surdez pode causar incompreensões na interação, como é possível analisar nas Figuras 4 e 5.

Figura 4 – Representação da interação com um ouvinte



Fonte: Sousa (2011, p. 7).

Figura 5 – Representação da interação com um surdo



Fonte: Sousa (2011, p. 8).

Nas Figuras 4 e 5, é possível identificar que o ouvinte, devido a possibilidade de receber a informação pela audição, consegue evitar a adversidade de cair no buraco. Já a pessoa surda, pela falta de audição foi prejudicada e sofreu o acidente. Outro ponto a ser observado é que, na Figura 5, o Cebolinha (personagem de camisa verde) interage com o Humberto através da língua oral (como mostra o tipo de balão que indica a sua fala) e, por isso, é incompreendido (como é possível notar na interrogação que demonstra a resposta de Humberto).

As referidas figuras indicam a barreira na comunicação e ações relacionadas à concepção clínico-terapêutica da surdez porque comparam o comportamento de Humberto (personagem surdo) que caiu no buraco ao de Cascão (personagem ouvinte de camisa amarela) que desviou do perigo por ter a capacidade de ouvir o alerta do colega. Na narrativa, a situação de cair no buraco, foi associada à surdez em detrimento de se questionar quais usos sociais da linguagem que devem ser internalizados pelos interlocutores que favorecem a comunicação entre surdos e ouvintes e, dentre eles é possível citar o uso da língua de sinais, alertas visuais, a apontação, dentre outras.

Neste sentido, o trabalho com este texto em sala de aula deve problematizar esta situação e, em lugar de colocar a condição de Humberto como inferior, é preciso

questionar quais modificações no comportamento de Cebolinha deve adquirir para que ele pudesse interagir com Humberto de maneira a evitar o acidente. Essas reflexões podem desenvolver conhecimentos para a remoção da barreira atitudinal e a barreira de comunicação, tendo em vista que, para interagir com o outro, além do uso da língua, outras linguagens são utilizadas, por exemplo: quando se deseja expressar a negativa, é possível balançar a cabeça de um lado para o outro; o toque pode ser um alerta; para indicar algo que deve ser visto por duas pessoas, em segredo, é possível também realizar uma indicação movendo apenas os olhos para a direção do que se quer mostrar dentre outros. Em síntese, no cotidiano, há outras formas de comunicar, além da palavra, que devem ser utilizadas nestas situações.

Na sequência, ainda nesta história, o narrador introduz as informações presentes nas Figuras 6 e 7:

Figura 6 – Leitura de uma pessoa que nasce surda e de outra que adquire a surdez



Fonte: Sousa (2011, p. 8).

Figura 7 – Representação de duas pessoas sinalizando



Fonte: Sousa (2011, p. 8).

Na Figura 6, o primeiro quadro representa uma pessoa que nasceu surda e na informação dos quadrinhos, ela tem dificuldade na leitura porque não escuta. Este é um dos mitos relatados por Gesser (2009). A segunda representação remete a uma pessoa com surdez adquirida após o desenvolvimento da língua oral que, de

acordo com a narrativa, tem facilidade de ler o cartaz na parede. Há, deste modo, uma ideia de que a aquisição da língua oral é uma condição para o aprendizado da leitura do texto escrito, o que evidencia uma dependência da oralidade para o desenvolvimento da cognição.

Na sequência destes quadros, é apresentada a seguinte afirmação “Muitas pessoas adquirem a deficiência auditiva por lesões ou doenças! Em muitos casos, essas pessoas passam a usar aparelhos auditivos ou recorrem a cirurgias para corrigir o seu **problema!**” (Sousa, 2011, p. 8, grifo nosso). Esta afirmação dialoga com a Figura 7 (presente na mesma página) que indica o uso da língua de sinais apenas para as pessoas que não se adaptam ao uso de aparelhos de correção da audição, ou seja, a língua de sinais é a última alternativa que deve ser buscada pela pessoa surda no processo de comunicação.

Deste modo, o entendimento da pessoa surda nesta história perpassa a tentativa de reabilitação da fala e, nesse contexto, a língua de sinais aparece como última alternativa de comunicação com a pessoa surda. Isto indica uma visão reabilitadora da surdez, em lugar de entender o surdo como sinalizante de uma língua diferente do português.

Diferentemente da abordagem associada ao Humberto nas histórias analisadas anteriormente, a personagem Sueli, na história “Turma da Mônica: nessa turma todos têm voz”, usa a Libras na comunicação, como pode ser observado na Figura 8.

Figura 8 – Lipe sinaliza para a irmã, a Sueli



Fonte: Sousa (2023, p. 4).

Na Figura 8, a Mônica usa a língua oral e Lipe, irmão de Sueli, traduz a fala da Mônica. Na história, a família de Sueli é sinalizante, logo, há a superação da barreira da comunicação no ambiente doméstico. Esta informação é fundamental para a construção social de relevância do uso da Libras, sobretudo neste segmento da comunidade escolar que é a família, pois, como afirma Strobel (2008, p. 51) “em famílias ouvintes, as crianças surdas observam as conversas e discussões que não são direcionadas a elas, devido às barreiras de comunicação.”

Desse modo, no que se refere à pessoa surda, as histórias que representam uma personagem que se utiliza da Libras, como a Sueli, devem ser estimuladas em sala de aula de modo a promover atitudes e conhecimentos sobre a Libras que promovam a

inclusão do surdo nas atividades promovidas pela escola. No entanto, como destaca Andolfato (2022, p. 27):

É sabido que “Humbertos” e a representação social de Humberto é existente no país, no entanto na comunidade surda não. Não há como se apagar a história e a criação do personagem amplamente divulgado e criado, mas há de se ter zelo na transposição do gênero quadrinhos para sala de aula.

Assim, o objetivo desta discussão é incentivar a utilização de histórias que contemplem os dois personagens desde que acompanhadas com as devidas problematizações sobre a pessoa surda, suas características, língua e cultura de modo a promover uma percepção da surdez que acolha a diferença linguística do surdo, remova barreiras e promova a inclusão.

Ao retomar os trechos da história “Com bigodão, não dá não!”, “Saiba Mais! Com a Turma da Mônica -, a HQ “Turma da Mônica: nessa turma, todos têm voz” e Inclusão social”, é possível notar que a primeira pode ser descrita como uma história na qual o processo comunicativo da pessoa surda é colocado na categoria de deficiência ao remeter à reabilitação da fala e da leitura labial; a segunda admite a Libras como forma de interação alternativa, utilizada somente em caso de dificuldade de desenvolvimento da língua oral e a terceira, por sua vez, aborda a interação mediada pela Libras como uma expressão da categoria pessoa surda como partícipe de uma minoria linguística, como descreve as legislações citadas neste artigo. Deste modo, é possível identificar a predominância da representação da surdez na perspectiva da categoria clínico-terapêutica inclusive em histórias destinadas a abordar o tema inclusão, em detrimento de formas de ser e viver do povo surdo – voltadas para a expressão da experiência visual - que seriam representativas da categoria antropológico-cultural do surdo.

Diante do exposto, como destaca Andolfato (2022, p. 27) “[...] torna-se importante compreender ainda mais o gênero quadrinhos para o uso em sala de aula e, por outro lado, os espaços midiáticos representarem com mais cautela e conhecimento as identidades da cultura ou dos temas a serem debatidos.” Outrossim, é relevante destacar ainda o papel do professor como mediador da atividade de leitura e da construção do conhecimento sobre o surdo, à medida que as discussões advindas das atividades propostas poderão contribuir com a difusão de ações inclusivas realizadas pelos estudantes tanto na escola quanto em outros espaços sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As HQs, por serem textos verbovisuais presentes no cotidiano dos estudantes, podem ser utilizados em sala de aula para discutir diferentes temáticas, tais como sociais, políticas e pedagógicas. Contudo, no âmbito educacional, é preciso selecionar o texto e problematizá-lo de acordo com o entendimento que a sociedade teceu sobre o assunto no momento histórico da produção da história. Neste sentido, um texto que traga ideias equivocadas, desde que realizada a mediação do professor para

discutir os mitos que possam perpassar a construção do texto, pode ser utilizado para alertar sobre situações do cotidiano que precisam ser ressignificadas.

O texto em tela teve como objetivo discutir as percepções sobre a pessoa surda a em quatro histórias da Turma da Mônica e os desafios para a abordagem em sala de aula. Para isso, foi traçado o perfil dos personagens Humberto e Sueli e, a partir disso, foi possível identificar que ao passo que o primeiro se alinha à representação oriunda da perspectiva clínico-terapêutica da surdez, que entende o surdo pela perda auditiva e a segunda foi construída para representar a concepção sócio-antropológica da surdez, que, por sua vez, a reconhece como partícipe de uma minoria linguística.

Nos recortes dos textos selecionados, é possível identificar que as histórias de Humberto tendem a colocá-lo em situações de desvantagem em relação ao prejuízo na audição enquanto há uma naturalização e estímulo ao uso da Libras nas histórias que envolvem a Sueli.

Desta maneira, é possível inferir que os dois personagens podem contribuir com discussões em sala de aula: Humberto, para que os estudantes problematizem as situações tais como ocorrem no cotidiano em que vivem; e Sueli, para refletir sobre as mudanças que precisam ser realizadas para remover as barreiras atitudinais e na comunicação, com vista a promover a inclusão.

REFERÊNCIAS

ALPENDRE, Elizabeth Vidolin. **Concepções sobre surdez e linguagem e o aprendizado em leitura**. Curitiba: PDE, 2008.

AMORIM, Gildete.; ARAÚJO, Clara Santos Henriques de.; SOUZA, Juliana Santos de. “Hum-hum”: representação de personagens surdos nas histórias em quadrinhos. *In*: JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: Produzindo conhecimento e integrando saberes, 1., 2017. **Anais [...]**. Niterói – RJ: [s. n.], 2017, p. 1 - 16.

ANDOLFATO, Cláudia Angélica. **Surdo, mudo, problemas de fala ou deficiente auditivo?** Arquétipo surdo da personagem Humberto e suas implicações para o ensino escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Libras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. 34p.

ANDRADE, Bete. Turma da Mônica lança personagem surda com apoio da Derdic: Sueli é uma garota de 9 anos, fã de esportes. **Jornal da PUC – SP**: cidadania e sociedade. 12 maio 2022. Disponível em: <https://j.pucsp.br/noticia/turma-da-monica-lanca-personagem-surda-com-apoio-da-derdic> Acesso em: 21 jul. 2024.

BELÉM, Márcio Messias. **As representações de personagens não-falantes da Turma da Mônica nas perspectivas da Linguística Sistêmica-Funcional e da Gramática do Design Visual**. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Educação Bilíngue) – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2023. 70p.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 9 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 26 abr. 2024.

CORDEIRO, Alexander Magno. *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**. v. 34, n. 6, p. 428 – 431, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2a. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GESSER, Audrei. **Libras: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GONÇALVES, Júlia Neves.; BRAZIL Priscila Nunes.; PORTO, Shirley Barbosa das Neves. A representatividade da criança surda em histórias em quadrinhos (HQs): um estudo sobre o personagem “Humberto” da Turma da Mônica. *In: ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E ENSINO*. 6. 2016. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. p. 1 – 16. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25892> Acesso em: 26 jun. 2024.

MAGALHÃES, Rozilda Almeida Neves.; CAMPOS, Lucas Santos. Com os quadrinhos nas mãos: humor e Libras na Turma da Mônica. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 7, n. 15, Dossiê: linguagem humorística, p. 218 – 240, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano.; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SOUSA, Maurício de. **Mônica: com Bigodão, Não Dá Não!**, nº 233, Editora Globo, nov. 2005.

SOUSA, Mauricio de. **Turma da Mônica: nessa turma, todos têm voz**. n. 31, Tamboré/SP, Panini Comics, maio, p. 1 – 18, 2023.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

PERLIN, Gladis.; MIRANDA, Wilson. **Surdos**: o narrar e a política. Ponto de Vista. n. 5, p. 217 – 226, Florianópolis, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/55839/Downloads/1282-Texto%20do%20Artigo-15462-1-10-20080707.pdf> Acesso em: 07 mar. 2024.